

A escrita em gêneros digitais: motivações de erros ortográficos e do internetês em comentários da rede social *Instagram*¹

Writing in digital genres: motivations for spelling errors and internetese in comments on the social network Instagram

DOI: [10.22481/Inostr.v.12i1.14680](https://doi.org/10.22481/Inostr.v.12i1.14680)

Arielle da Silva Meireles²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0607-4296>

Universidade do Estado da Bahia

E-mail: ariellemeireles@hotmail.com

Clécia da Silva Brandão³

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9769-8860>

Universidade do Estado da Bahia

E-mail: cleciabrandao0@gmail.com

Cristina dos Santos Carvalho⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2399-674X>

Universidade do Estado da Bahia

E-mail: ccarvalho@uneb.br

Resumo

¹ Neste texto, apresentamos resultados da pesquisa que resultou no trabalho de conclusão de curso de Arielle da Silva Meireles, realizado com a contribuição de Clécia da Silva Brandão no que concerne à metodologia e investigação e defendido em 2023, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB – *Campus XIV*), sob a orientação da Professora Cristina dos Santos Carvalho.

² Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - *Campus XIV*) (2023). Foi Bolsista do Programa Residência Pedagógica (2017-2018) e estagiária da Biblioteca da UNEB - *Campus XIV* (2019-2020).

³ Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - *Campus XIV*) (2021). É Graduada em Pedagogia pela Unifahe - Faculdade de Administração, Humanas e Exatas. Atua como Professora Auxiliar de Educação Infantil na rede pública de ensino no município de Serrinha - Bahia.

⁴ Graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (1992), graduação em Bacharelado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (1993), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1997) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2004). Concluiu Estágio Pós-Doutoral na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em janeiro de 2018. Atualmente, é Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL).

Neste trabalho, partindo de uma reflexão feita em Meireles *et al.* (2018), temos o objetivo de analisar, em comentários postados em uma rede social, casos de erros ortográficos e internetês. Buscamos aqui responder a dois questionamentos: (i) Quais formas encontradas em gêneros digitais caracterizam-se, de um lado, como erros ortográficos e, do outro, como instâncias da linguagem do internetês? (ii) O que motiva a ocorrência desses erros ortográficos e do internetês nos gêneros digitais? Como fundamentação teórica, baseamo-nos em Bortoni-Ricardo (2005, 2006), Cagliari (2005), Freitag e Fonseca e Silva (2006), Komesu e Tenani (2009), Barbosa (2016) e Simão (2022), entre outros estudos. Do ponto de vista metodológico, a nossa pesquisa é descritiva e tem caráter qualitativo. Como *corpus*, utilizamos 14 textos pertencentes à esfera digital, retirados da rede social *Instagram* e produzidos no ano de 2023. Com a análise, mostramos uma distinção entre os erros ortográficos decorrentes da influência da fala na escrita e da arbitrariedade da escrita (Bortoni-Ricardo, 2005, 2006) e as formas linguísticas que remetem ao que tem sido chamado de internetês (Freitag; Fonseca e Silva, 2006; Komesu; Tenani, 2009). Nossos resultados apontam que: (i) nos textos digitais examinados, há uma maior variedade de erros ortográficos motivados pela transposição da oralidade para a escrita; (ii) quanto ao internetês, ocorrem mais casos de abreviação em virtude de algumas propriedades funcionais dos gêneros digitais. **Palavras-chave:** Fala; Escrita; Gêneros digitais; Erros ortográficos; Internetês.

Abstract

In this work, based on a reflection made in Meireles *et al.* (2018), we aim to analyze cases of spelling errors and internetese in comments posted on a social network. We seek to answer two questions here: (i) Which forms found in digital genres are characterized, on the one hand, as spelling errors and, on the other, as instances of internetese language? (ii) What motivates the occurrence of these spelling errors and internetese in digital genres? As a theoretical foundation, we are based on Bortoni-Ricardo (2005, 2006), Cagliari (2005), Freitag and Fonseca e Silva (2006), Komesu and Tenani (2009), Barbosa (2016) and Simão (2022), among others studies. From a methodological point of view, our research is descriptive and qualitative in nature. As a *corpus*, we used 14 texts (comments) belonging to the digital sphere, taken from the social network Instagram and produced in 2023. With the analysis, we showed a distinction between spelling errors resulting from the influence of speech on writing and the arbitrariness of writing (Bortoni-Ricardo, 2005, 2006) and the linguistic forms that refer to what has been called internetese (Freitag; Fonseca e Silva, 2006; Komesu; Tenani, 2009). Our results indicate that: (i) in the digital texts examined, there is a greater variety of spelling errors motivated by the transposition from orality to writing; (ii) regarding internetese, there are more cases of abbreviation due to some functional properties of digital genres.

Keywords: Speech; Writing; Digital genres; Spelling errors; Internetese.

Introdução

No atual cenário em que os gêneros digitais têm dominado boa parte da comunicação no dia a dia, seja através de mensagens de textos nos aplicativos de mensagens instantâneas, seja através de publicações em redes sociais, *e-mails* etc., vemos que a escrita nos *posts*,

legendas de fotos ou vídeos e nas demais publicações usadas para alimentar as páginas pessoais aproxima-se, cada vez mais, de características de gêneros orais da esfera do cotidiano. Isso se deve, provavelmente, à velocidade e urgência exigida por esses gêneros digitais, pois, como afirma Simão (2022, p. 2), “[...] as práticas de linguagem contemporâneas se destacam, sobretudo, entre os adolescentes e jovens por serem formas de comunicação mais velozes e interativas (como *WhatsApp*, *Instagram*, *chat*, *e-mail*, *blogs*, fóruns de discussão)”.

Além do mais, podemos considerar que alguns dos gêneros digitais supracitados se aproximam de um diálogo. Com isso, não é difícil encontrarmos, no ambiente virtual, além de características linguísticas próprias de gêneros digitais, que têm sido chamadas de internetês (Freitag; Fonseca e Silva, 2006; Komesu; Tenani, 2009), falhas de escrita decorrentes da interferência da oralidade na escrita e da natureza arbitrária das convenções da escrita (Bortoni-Ricardo, 2005, 2006).

Neste trabalho, ampliando uma discussão iniciada por Meireles *et al.* (2018), refletimos sobre como a escrita digital tem sido influenciada pela fala cotidiana das pessoas. Nessa direção, levantamos aqui dois questionamentos: (i) Quais formas encontradas em gêneros digitais caracterizam-se, de um lado, como erros ortográficos e, do outro, como instâncias da linguagem do internetês? (ii) O que motiva a ocorrência desses erros ortográficos e do internetês nos gêneros digitais?

Para responder aos questionamentos supracitados, pretendemos analisar, em comentários postados na rede social *Instagram*, casos de erros ortográficos e internetês. Mais especificamente, buscamos: (i) distinguir os casos de erros ortográficos e o internetês encontrados; (ii) explicar as motivações para a ocorrência desses erros e do internetês. Para tanto, fundamentamo-nos em estudos sobre relações entre fala e escrita (Bortoni-Ricardo, 2005; 2006; Cagliari, 2005; Barbosa, 2016, entre outros) e sobre gêneros digitais e o internetês (Marcuschi, 2005; Freitag; Fonseca e Silva, 2006; Komesu; Tenani, 2009; Simão, 2022 etc.).

No que diz respeito ao nosso objeto de estudo, aventamos a hipótese de que, nos textos digitais examinados, deve ocorrer uma maior variedade de erros ortográficos motivados pela interferência da oralidade na escrita, já que esses textos veiculados em redes sociais se aproximam de uma situação comunicativa de diálogo, em um contexto mais informal. Quanto

ao internetês, esperamos encontrar, no *corpus*, mais casos de abreviação em decorrência de algumas propriedades funcionais dos gêneros digitais. Sendo assim, consideramos, em conformidade com Simão (2022), que, no ambiente virtual, prevalece a rapidez da escrita, o que faz com que os usuários utilizem formas motivadas por transcrição fonética (Cagliari, 2005) e abreviação.

Para a discussão aqui proposta, dividimos o texto em quatro seções. Inicialmente, debruçamo-nos nas relações entre fala e escrita, enfocando, entre outras questões, o *status* do erro nessas duas instâncias da língua. Posteriormente, tratamos dos gêneros digitais e de características relativas ao internetês. Em seguida, destacamos aspectos metodológicos concernentes ao tipo de pesquisa realizado, ao *corpus* utilizado e aos procedimentos adotados. Logo após, analisamos os textos digitais, estabelecendo uma distinção entre os erros ortográficos que estão atrelados à influência da fala ou à arbitrariedade da escrita e as formas linguísticas que remetem ao internetês. Por fim, trazemos as nossas considerações finais.

1 Das relações entre fala e escrita

Por muito tempo, a fala e a escrita foram vistas como modalidades de uso da língua dicotômicas, ou seja, eram descritas com características opostas. Como explicita Marcuschi (1997), a fala era vista como contextualizada, implícita, redundante, não-planejada, imprecisa e não-normatizada; já a escrita, como descontextualizada, explícita, condensada, planejada, precisa e normatizada.

Retomando a discussão acima, Fávero, Andrade e Aquino (2000, p. 69) sintetizam algumas razões citadas por autores para estabelecerem as diferenças entre a língua falada e a escrita: “De modo geral, discute-se que ambas apresentam distinções porque diferem nos seus modos de aquisição; nas suas condições de produção, transmissão e recepção; nos meios através dos quais os elementos de estrutura são organizados”.

No entanto, as autoras supracitadas asseveram que o que tem sido tratado como distinção equivale, na verdade, a diferenças estruturais. Entre essas diferenças, podemos citar a natureza de aquisição da fala e da escrita. Assim, como explica Roberto (2016, p. 139), “[...] a escrita é um produto culturalmente construído, artificial, uma invenção do homem para atender a uma necessidade”. Diferentemente, a língua falada é adquirida de maneira natural; sendo assim, “[...] todo ser humano, com exceção daqueles com algum tipo de distúrbio,

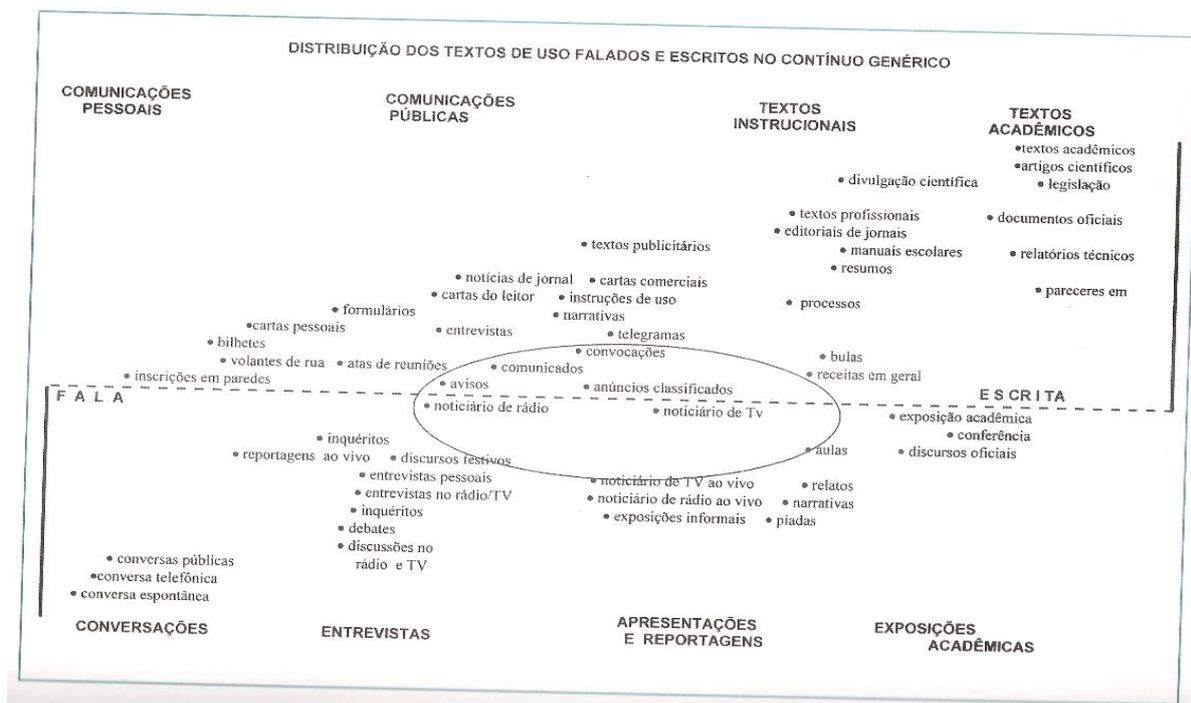
sejam eles neurológicos ou psicológicos, é capaz de adquirir o complexo sistema gramatical de sua língua [...], antes de completar 5 anos, [...] sem ter passado por nenhuma espécie de ensino sistemático.” (Roberto, 2016, p. 140).

Ainda no contexto de visão dicotômica, havia ou ainda “[...] há uma tendência em considerar a escrita superior ou mais difícil que a fala” (Marcuschi, 2007 *apud* Barbosa, 2016, p.34). Sobre essa questão, já na década de 1990, Marcuschi (1997) afirmava:

[...] mais urgente (e relevante) do que identificar primazias ou supremacias entre oralidade e escrita, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e escrita como simples modos de uso da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e oral) de modo geral. Essas práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e da escrita numa sociedade e justifica que a questão da relação entre ambas seja posta no eixo de um contínuo tanto sócio-histórico como tipológico (Marcuschi, 1997, p. 120).

Assumimos, à esteira de Marcuschi (1997, 2010), que a relação entre oralidade e escrita não pode ser concebida de forma dicotômica, mas sim tratada a partir de uma proposta escalar de gêneros textuais que se efetivam na oralidade e na escrita, como mostra a Figura 1.

Figura 1: Continuum entre fala e escrita a partir de gêneros textuais



Fonte: Marcuschi (2010, p. 197).

A nosso ver, embora o *continuum* supracitado não faça referência a gêneros digitais, poderíamos alocar os comentários postados em redes sociais na mesma posição de gêneros escritos próprios das comunicações pessoais, tais como bilhetes e cartas pessoais, que se aproximam de gêneros orais típicos das conversações.

Ainda sobre as relações entre fala e escrita, outra questão discutida na literatura linguística tem a ver com a noção de erro e o seu estatuto na língua falada e escrita (Bortoni-Ricardo, 2005, 2006; Bagno, 2007). A esse respeito, Bagno (2007) afirma que se desenvolveu um discurso científico fundamentado nos pressupostos da Linguística moderna que defende que não há erros na língua falada. Nessa mesma direção, Bortoni-Ricardo (2006) argumenta:

[...] Na fala, [...], não enfatizamos erros, enxergando-os apenas como diferenças entre maneiras possíveis e competitivas de se falar: “se ele vinher” e “se ele vier” são duas maneiras de dizer a mesma coisa, a primeira associada a estigma na ecologia sociolinguística do português do Brasil e a segunda prestigiada.

[...]

Na língua escrita, o chamado erro tem uma outra natureza porque representa a transgressão de um código convencionado e prescrito pela ortografia. [...] Mas podemos considerá-lo uma transgressão porque a ortografia é um código que não prevê variação [...] (Bortoni-Ricardo, 2006, p. 273).

No que concerne ao processo de aquisição da escrita, é possível reconhecer que esse processo pode sofrer influência da oralidade, podendo acontecer de os indivíduos, por diversas razões, utilizarem a escrita como representação da oralidade: por exemplo, eles podem escrever “pobrema” ou “probrema” ao invés de “problema”. Nessa perspectiva, Roberto (2016, p. 142) menciona que “[...] essa representação mais fiel da oralidade leva a representação escrita a ser mais fonética. Contudo, a representação da oralidade nunca é fiel”. Sendo assim, os sujeitos podem refletir na escrita usos da fala, demonstrando as imbricações entre essas duas instâncias da língua, o que comprova, mais uma vez, que é um equívoco compreender, dicotomicamente, a fala e a escrita. Tais imbricações também podem ser percebidas nas práticas de linguagem na *internet*, efetivadas por distintos gêneros textuais.

2 Gêneros digitais e o internetês

Apesar de serem compostos por uma estrutura que, algumas vezes, nos faz identificar uma determinada categoria ou espécie, os gêneros textuais, como unidades comunicativas, não são estanques e rígidos. A esse respeito, Marcuschi (2005) afirma:

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...] Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas [...] (Marcuschi, 2005, p. 20).

Em outras palavras, os gêneros textuais vão se constituindo e se adequando às necessidades comunicativas, sociais e culturais da sociedade. Percebemos isso também nos chamados gêneros digitais, assim definidos por Simão (2022, p. 5): “[...] os gêneros que mantêm uma relação de dependência com a tecnologia, favorecida pelo ciberespaço, são considerados gêneros textuais digitais”. Nesse caso, observamos, principalmente, a rapidez com que surgem esses novos gêneros e se reformulam para atender às exigências da nova geração conectada ao universo digital. Sobre essa questão, Marcuschi (2005) destaca:

Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet [sic], presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. Isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem (Marcuschi, 2005, p. 20).

Sendo assim, a forma de comunicação, nos últimos anos, tem sido muito impactada pela *internet*, principalmente após utilização, em grande escala, das redes sociais. Consequentemente, vemos surgirem novas práticas de leitura e escrita. Como pontua Simão (2022, p.1), “[...] os textos ganharam uma nova configuração, pois eles também estavam presentes no espaço virtual, utilizando recursos como sons e imagens em sua estrutura e gerando uma maior interação entre o autor e o leitor”. Como exemplos de gêneros digitais, podemos citar *chat/bate-papo* virtual, *e-mail*, *blog*, *vlog* (videoblog), comentários e postagens em redes sociais, entre outros.

Ressaltamos, contudo, que os gêneros digitais, embora emergjam e se efetivem na esfera virtual, em algumas espécies, aproximam-se de gêneros textuais tradicionalmente

conhecidos. Por exemplo, o *e-mail* aproxima-se da carta pessoal, carta de solicitação etc., já os bate-papos e aplicativos de mensagens instantâneas simulam uma situação comunicativa sem a necessidade da presença física e simultânea dos interlocutores (Marcuschi, 2004).

Além disso, em relação ao gênero digital, ainda percebemos uma forma de escrita própria do ambiente virtual – o internetês –, que, de certo modo, preza pela economia de caracteres usados, provavelmente, porque “[...] a rede virtual nos impulsiona para a agilidade e praticidade. À medida que nos envolvemos com ela, vamos sentindo a necessidade de escrever mais rápido, com muitas abreviações, reduções de palavras e emojis” (SIMÃO, 2022, p. 4). Assim, não é preciso muito esforço para observar, por exemplo, em comentários ou postagens na *internet*, palavras ou expressões abreviadas, tais como “vc” (você), “pq” (porque), “vdd” (verdade), “sqn” (só que não) e “plmds” (pelo amor de Deus).

Komesu e Tenani (2009) definem e caracterizam o internetês como:

[...] forma grafolinguística que se difundiu em textos como *chats*, *blogs* e demais redes sociais. Seria uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão [...], razão pela qual seus adeptos são tomados como “assassinos da língua portuguesa”, do ponto de vista dos avessos a essa prática de escrita. A prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados na ortografia desse texto [...] (Komesu; Tenani, 2009, p. 624).

Como destacado pelas autoras, enquanto esse tipo de escrita é tratado por alguns especialistas da língua como uma aberração, degradação da língua, é abordado por outros como fenômeno que deve ser visto como modificação criativa na escrita. Nesse sentido, partilhamos da afirmação das autoras de que o internetês “[...] trata-se de uma (ou de algumas) possibilidade(s) da língua, considerando-se os propósitos de comunicação dos sujeitos na linguagem” (Komesu; Tenani, 2009, p. 627), já que o que se preza nas redes sociais quanto à escrita, acima de tudo, é a comunicação rápida e clara que, em grande parte dos textos, se baseia na fala. Entendemos, ainda, que, em gêneros da esfera digital, casos de internetês não podem ser tachados de erros ortográficos.

3 Metodologia

Dialogando com o objetivo deste trabalho, desenvolvemos aqui uma pesquisa descritiva. Como o próprio nome já sugere, esse tipo de investigação “[...] descreve uma realidade tal como se apresenta, conhecendo-a e interpretando-a por meio de observação, do registro e da análise dos fatos ou fenômenos” (Fonseca, 2012, p. 22). É através da pesquisa descritiva que, segundo Cerva e Bervian (1983), o pesquisador pode observar e analisar um determinado fenômeno sem nele interferir. É nessa direção que buscamos analisar casos de erros ortográficos e internetês em textos retirados do ambiente virtual.

O enfoque do nosso estudo é qualitativo. Nessa perspectiva, em consonância com Marconi e Lakatos (2011, p. 267), partimos do entendimento de que “[...] a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. Para isso, o investigador precisa estar em contato com a realidade a ser observada (como é a proposta do presente estudo) e deve levar em conta as características de uma pesquisa qualitativa; entre essas, destacamos: “[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*, [...] respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos [...]” (Silveira; Córdova, 2009, p. 34).

Visando à descrição do fenômeno investigado, selecionamos como *corpus* 14 textos pertencentes à esfera digital, retirados do *Instagram* e produzidos no ano de 2023⁵. Rede social criada pelo americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger em 2010, o *Instagram* caracteriza-se como:

[...] uma plataforma de mídia social que permite aos usuários compartilhar fotos e vídeos por meio de dispositivos Android, iOS e computadores [...]. Ao criar um perfil no aplicativo, o usuário tem a possibilidade de interagir com amigos, família, marcas e figuras públicas por meio de curtidas, comentários e mensagens diretas (Seabra, 2023).

Os 14 textos aqui examinados são representantes do gênero comentário, assim definido por Costa (2008, p. 64): “[...] usado tanto na escrita quanto na oralidade, refere-se a um conjunto de notas ou observações, [...], sobre quaisquer assuntos, ou seja, são análises,

⁵ Ressaltamos que, para a constituição do *corpus*, buscamos, aleatoriamente, textos digitais que apresentassem erros ortográficos, não levando em conta os perfis dos usuários da rede *Instagram*, uma vez que tais perfis não seriam considerados na análise dos dados.

notas ou ponderações, por escrito, críticas ou de esclarecimento, geralmente curtas, acerca de um texto, um evento, um ato etc.”. Levando em conta o nosso objeto de investigação, o critério que adotamos para a seleção dos comentários foi que, neles, houvesse algum erro ortográfico e/ou internetês.

Tendo em vista as características da abordagem qualitativa destacadas acima, para a observação e análise dos dados, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: inicialmente, fizemos uma leitura minuciosa dos 14 comentários selecionados; posteriormente, levantamos os erros ortográficos e casos de internetês encontrados no *corpus*; em seguida, classificamos esses erros ortográficos e internetês de acordo com as proposições de Bortoni-Ricardo (2005, 2006), Freitag e Fonseca e Silva (2006) e Komesu e Tenani (2009); logo após, agrupamos as ocorrências de erros e internetês por (macro)categorias; e, por fim, procedemos à análise dos erros e dos casos de internetês, interpretando-os e buscando as suas motivações.

4 Erros ortográficos e internetês no *corpus*: análise dos dados

Erros ortográficos	Casos de internetês
--------------------	---------------------

Nesta seção, analisamos os erros ortográficos presentes nos textos do gênero comentário retirados da rede social *Instagram*. Para explicar as motivações de erros ortográficos, como já mencionamos, partimos da categorização feita por Bortoni-Ricardo (2005, 2006). Ao tratar desses erros, a autora os divide em duas macrocategorias: os que são decorrentes da interferência da oralidade na escrita e os que se explicam pela natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita. Em relação aos tipos (abreviação, repetição ou acréscimo de letras e reestruturação paralinguística) e às motivações do internetês, valemos dos estudos de Freitag e Fonseca e Silva (2006) e Komesu e Tenani (2009).

Na Tabela 1, elencamos os erros ortográficos e casos de internetês atestados nos comentários digitais tomados como *corpus* da pesquisa.

Tabela 1: Classificação dos erros ortográficos e de casos de internetês levantados nos comentários digitais examinados

Interferência da oralidade na escrita	Natureza arbitrária das convenções da escrita	Abreviações	Repetição de letras	Restrução paralinguística	Acréscimo de letras
tá, tivesse, pobi, bebo, ganha, vamo	jente	ñ	tbmmm,	porr4	cuidha
amostrar, adeogado	min	q	nadaaa		
ouvir (ouvi)	geito	qu	arretadaaaaaa		
agente	preciza	td	kkkkk		
pindura	cerum	msm			
muie, homi, conciecia, sombrancelha, lê		qdo			
		vcs			
		aki			
		rs			

Fonte: Meireles (2023, p. 9).

As palavras da primeira coluna da Tabela 1 são consideradas erros ortográficos que são motivados pela interferência da oralidade na escrita. Tal interferência, por exemplo, pode ocorrer pela atuação de processos fonológicos característicos da fala, entre os quais há casos de transformação, supressão e inserção de segmentos fônicos (Roberto, 2016).

Na fala, pode haver processos de supressão de segmento(s) fônico(s) no início (aférese), no meio (síncope) ou no final (apócope) da palavra. Com base na Tabela 1, podemos citar alguns exemplos de erros ortográficos decorrentes da transposição desses processos para o texto escrito. Nas palavras “tá” (está) e “tivesse” (estivesse), acontece a supressão de uma sílaba no início das palavras, caracterizando a aférese. Em “pobi” (pobre) e “bebo” (bêbado), ocorre a síncope de “r” e “ad”, respectivamente. Em “ganha” (ganhar), ocorre o apagamento do “r”, morfema que marca o infinitivo verbal; nesse caso, temos uma apócope. De acordo com Bortoni-Ricardo (2006, p. 270), “[...] essa regra de supressão do /r/ é uma regra variável. Ora suprimimos o /r/ final na nossa pronúncia, ora o realizamos. Tendemos a suprimi-lo mais frequentemente nos infinitivos e nas formas verbais do futuro do subjuntivo e em palavras com mais de uma sílaba”. Também há apócope do “s”, parte do morfema número-pessoal *mos*, na palavra “vamo” (vamos).

Também podem acontecer, na fala, processos de inserção de segmentos fônicos no início, no meio ou no final da palavra, denominados, respectivamente, de prótese, epêntese e paragoge. Nos dados analisados, há um caso de uma grafia de uma palavra – “amostrar”

(mostrar) – em que o usuário do *Instagram* inseriu uma vogal (no caso, “a”) no início da palavra. Podemos notar a atuação da epêntese na palavra “adevogado” (advogado), em que há um acréscimo da vogal “e”. Na fala, esse “e” pode ser pronunciado como [ɛ] ou [e]; nesse último caso, entendemos que a realização [e] pode estar atrelada à pronúncia de algumas letras do português, que tendem a ser associadas à vogal [e], como acontece com “d” [‘de], “p” [‘pe] e “b” [‘be], entre outras.

Há ainda os processos fonológicos – vocalização, monotongação, nasalização, desnasalização, despalatalização etc. – que ocasionam a transformação de segmentos fônicos. “Muie” ilustra uma vocalização (realização de uma consoante como vogal ou semivogal); sendo assim, escreve-se “i” para “lh” porque se pronuncia esse “lh” como a semivogal [y]; esse processo também é chamado de iotização. Para o caso da palavra “homi” (homem), trazemos duas explicações com processos diferentes. Na palavra “homem”, temos um ditongo típico da oralidade ([‘õmẽy]), já que a letra “m”, nessa palavra, representa, na escrita, a semivogal [y]. Na fala, observamos que, em muitas palavras, acontece o processo de monotongação, em que o ditongo passa a ser realizado como única vogal: é o que evidenciamos na pronúncia de [‘õmẽy] como [‘õmI], em que o ditongo [ẽy] é realizado como [I]. Constatamos a atuação de um segundo processo na grafia de “homi”, a desnasalização, que transforma um som nasal em oral, o que também acontece em “conciencia” (consciência). Já no caso de “sombancelha”, percebemos um movimento inverso, o de nasalização, transformando um som oral em nasal: desse modo, escreve-se “sombancelha” para “sobancelha”. Em “lê” (lhe), há uma despalatalização: nesse caso, o produtor do comentário, ao escrever “lê”, usa uma letra (“l”) que representa um fonema não palatal, como costumamos ver em “mulé” e “culé”.

Outra interferência nítida da oralidade na escrita é a da palavra “pindura” para “pendura”. Na grafia da palavra, houve um alçamento vocálico, que é:

[...] um processo fonológico em que as vogais médias /e/ e /o/ passam a ser vogais altas, respectivamente, [i] e [u]. Lembramos que, segundo as convenções ortográficas, as letras “E” e “O” podem representar tanto as vogais médias altas [e] e [o], respectivamente (como em “[e]tra” e “[o]gal”), quanto as vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], respectivamente (como em “[ɛ]to” e “[ɔ]ta”), como ainda as vogais altas [i] e [u], respectivamente (como em “[i]zerr[u]”) (Komezú; Tenani, 2009, p. 631).

Ainda em “pindura”, há o fenômeno que Cagliari (2005) denomina como transcrição fonética, em que o falante transcreve para a escrita a própria fala. Também consideramos que esse fenômeno motiva a escrita de “conciencia” (consciência): em algumas variedades do português brasileiro, existe a tendência de não se pronunciar o “s” da primeira sílaba de *consciência* (cons), o que acaba sendo transposto para a escrita.

O autor também explica o processo de junção intervocabular, que ocorre na palavra “agente”. Esse desvio de escrita acontece porque, como lembra Cagliari (2005, p.142), “[...] na fala não existe a separação de palavras a não ser quando marcada pela entonação do falante”. A grafia “agente” reforça que pronunciamos *a gente* como um vocábulo fonológico.

Em “ouvir” (ouvi), há a atuação do fenômeno de hipercorreção, que, nos termos de Bagno (2017, p. 189), “[...] é uma **atitude** (e uma prática) que resulta no uso de formas linguísticas que não pertencem nem à realidade dos usos empíricos da língua nem ao **padrão** codificado na tradição gramatical do idioma”. A esse respeito, Bortone e Alves (2014, p. 130) ressaltam que casos de hipercorreção são “[...] muito frequentes na fala (e, por conseguinte, na escrita) de pessoas que, no afã de ‘falarem bem’, equivocam-se e acabam fazendo uma correção para além do uso padrão [...]”. Escreve-se “ouvir” por *ouvi* como resultado de um monitoramento linguístico: um usuário da língua portuguesa, “[...] que já percebeu o significado social de uma forma linguística inexistente no seu dialeto, tentará adequar-se aos padrões ensinados na escola, adotando modelos de prestígio, como o uso do [r] em final verbal” (Bortone; Alves, 2014, p. 130).

Ao analisarmos os erros ortográficos da segunda coluna da Tabela 1, podemos perceber que esses se justificam pelas regras arbitrárias do sistema de convenções da escrita (Bortoni -Ricardo, 2005, 2006), uma vez que essas regras nem sempre têm uma determinada justificativa para ocorrerem; geralmente, os indivíduos precisam memorizá-las para escrever de acordo com a regra padrão. Nos comentários do *Instagram* examinados, temos os seguintes erros: “geito” (jeito) “jente” (gente), “esa” (essa), “cerum” (sérum), “preciza” (precisa) e “min” (mim). Nessas palavras, ocorrem fonemas que podem ser representados, na escrita, por diferentes letras: /ʒ/ pode ser representado por “j” e “g”; /s/, pelas letras “s”, “c”, “x” e pelos dígrafos “ss” e “xc”; /z/, pelas letras “z”, “s” e “x”. A grafia de “min” é motivada pela possibilidade de diferentes representações gráficas – vogais com til ou seguidas das letras “m” e “n” – para sons vocálicos nasais. Bortoni-Ricardo (2005, p. 267) ressalta, quanto às

convenções da escrita, que o seu “[...] aprendizado é lento e depende da familiaridade que cada leitor vai adquirindo com ela, em diversos suportes; livros e textos impressos em geral, audiovisuais, *internet* e outros usos do computador, *outdoors* e quaisquer objetos portadores de textos”.

Na última coluna, listamos as ocorrências de internetês, as quais merecem uma reflexão para as escolhas na escrita, visto que não são escritas aleatórias, mas há uma lógica para cada processo. A esse respeito, afirma Simão (2022, p. 5):

A utilização do internetês, como muitos pensam, não configura uma grafia errada, visto que há uma condição específica para desenvolvê-la, apenas é uma variação da norma culta padrão. Contudo é importante ressaltar o seu uso atrelado ao contexto virtual, não interferindo nos escritos convencionais (Simão, 2022, p. 5).

Segundo Thurlow e Brown (2018 *apud* Freitag e Fonseca e Silva, 2006), o uso da linguagem é dividido em três máximas: a) máxima dupla da brevidade e velocidade, que decorre da abreviação de determinadas palavras; b) reestruturação paralinguística, através da qual o internauta mescla letras e números para formar uma palavra por causa da rapidez e economia linguística; c) aproximação fonológica, através da qual o internauta quebra as convenções da ortografia, utilizando-se apenas de uma letra que represente o som desejado. Já Komesu e Tenani (2009, p. 238), em suas discussões sobre o internetês, fazem outra divisão para demonstrar a complexidade dessa linguagem: “(i) a repetição de letras; (ii) a troca de letras; (iii) o acréscimo de letras; e (iv) a omissão de letras”.

No *corpus*, encontramos as representações “q” e “qu” (que), “ñ” (não), “td” (tudo), “msm” (mesmo), “qdo” (quando), “pq” (porque), “tbmmm” (também), “aki” (aqui). Todos esses usos são abreviações, em que acontece a omissão de letras justificada pela rapidez e economia de caracteres. Assim como Komesu e Tenani (2009), verificamos uma influência fonética em (parte de) algumas das abreviações supracitadas. A título de ilustração, podemos observar a palavra “que”, a qual pode ser grafada apenas pela letra “q”, pois, na pronúncia, realizamos [‘ke]. Isso também ocorre em parte das abreviações “aki” e “msm”, nas quais também constatamos o processo de economia de letras, substituindo o “qu” por “k” em “aki” e a omissão de “e” e “o” em “msm” para a palavra “mesmo”.

Nas palavras “nadaaa”, “tbmmm” e “arretadaaaaaa”, acontece o fenômeno de repetição de letras, justificado por Komesu e Tenani (2009, p. 630) “[...] como uma tentativa de reprodução da duração dos segmentos por essas letras representadas”. As autoras, em seu

estudo, verificaram esse mesmo fenômeno nas palavras *gente* e *bom* e chegaram à conclusão de que:

[...] essas repetições também não ocorrem de forma aleatória, se considerada a organização textual: “GENNTTIII” e “BOUMM” [...] constituem-se em dois enunciados (a mudança de linha pode ser tomada como evidência dessa análise) que são característicos da tomada do turno pelo interlocutor em início de interação. Também são encontrados nesses enunciados – que seriam falados, se lidos em voz alta – alongamentos de vogal ou de consoantes em final de sílaba (Komesu; Tenani, 2009, p. 630).

Observamos, em “kkkkkkkk”, o emprego de repetição de letras para representar uma gargalhada. Komesu e Tenani (2009, p. 629) levantam a hipótese de que elementos como “kkkkkkkk” “[...] podem ser reconhecidos como possíveis representações de sequências fônicas que ocorrem em situação de interação face a face, características de enunciados falados”. Outra representação para essa interação face a face é o uso de “rs” para risos. Na escrita da palavra “porr4”, temos uma reestruturação paralinguística, a mesclagem de letras e números. Esse fenômeno, como já dito, ocorre pela rapidez e economia linguística. Contudo, no caso específico, podemos acrescentar que a escrita de “porr4” se trata de uma palavra ofensiva; pelo emprego de palavras de xingamento como essa, as redes sociais, há algum tempo, adotaram diretrizes de proteção aos usuários com o objetivo de banir esses tipos de comentários. No entanto, para burlar os filtros das palavras indevidas, os usuários se utilizam da mescla de números e letras ou caracteres especiais que se assemelham às letras do alfabeto, como acontece na grafia de “merd@” (exemplo não registrado no *corpus*).

Quanto à palavra “cuidha”, há o acréscimo da letra “h” na segunda sílaba. Komesu e Tenani (2009) trazem uma explicação para o uso de “h” em determinados contextos:

(i) “H” é frequentemente usado, em internetês, para indicar vogal acentuada, como em “EH”; (ii) a forma verbal no infinitivo pode ser escrita como “falá”, quando o escrevente deseja indicar a não-realização do morfema de infinitivo”. Da relação entre (i) e (ii), o observador concluirá que “FALAH” é a grafia para “falá” e, dessa maneira, não se trata de uma troca entre “R” (previsto pelas convenções ortográficas) e “H” (usado no internetês) (Komesu; Tenani, 2009, p. 633).

No caso de “cuidha”, entendemos que a função do “h” é outra: chamar a atenção do leitor do texto para algo, tentando reproduzir uma realização da fala: [‘kuydzɐ].

Das observações pontuadas aqui, baseadas nos comentários virtuais analisados, percebemos que não podemos tratar os erros ortográficos e o internetês como categorias

sinônimas, embora a ocorrência desses fenômenos tenha algumas motivações próximas em determinados contextos.

Considerações finais

Neste trabalho, objetivamos analisar, em comentários postados na rede social *Instagram*, casos de erros ortográficos e internetês. Durante a pesquisa, buscamos, então, responder a dois questionamentos: Quais formas encontradas em gêneros digitais caracterizam-se, de um lado, como erros ortográficos e, do outro, como instâncias da linguagem do internetês? O que motiva a ocorrência desses erros ortográficos e do internetês nos gêneros digitais?

Assim, após a análise qualitativa empreendida, percebemos que muitas palavras escritas nos textos do gênero digital podem ser classificadas como erros ortográficos e outras são provenientes de uma linguagem própria do universo digital, o internetês. Além disso, demonstramos, com base em dados empíricos, que muitos casos de erros ortográficos cometidos pelos usuários das redes sociais não são aleatórios, principalmente aqueles que resultam da influência da fala na escrita, que podem ser explicados pela atuação de processos fonológicos (Bortoni-Ricardo, 2005, 2006; Barbosa, 2016) e dos fenômenos de transcrição fonética, juntura intervocabular (Cagliari, 2005) e hipercorreção (Bortone; Alves, 2014; Bagno, 2017).

Diante disso, confirmamos a hipótese de que, nos textos digitais examinados, há uma maior variedade de erros ortográficos motivados pela transposição da oralidade para a escrita, assim como já evidenciado em Meireles *et al.* (2018). Quanto ao internetês, registramos, no *corpus*, mais casos de abreviação em virtude de algumas propriedades funcionais dos gêneros digitais. Consideramos que (parte de) algumas das abreviações encontradas são também motivadas por interferência da fala na escrita.

Gostaríamos, ainda, de ressaltar a relevância de trabalhos como este que buscam explicações para os erros cometidos na escrita, na tentativa de diminuir a dicotomia erro *vs.* acerto. Em muitos casos, essa postura dicotômica, principalmente, no caso de profissionais da área de educação, marginaliza as pessoas por utilizarem formas escritas fora da norma culta que, na verdade, podem ser motivadas por processos naturais da própria língua falada.

Ademais, defendemos que é importante evitar a confusão entre erro ortográfico e internetês quando lidamos com os gêneros digitais. Sendo assim, não podemos tachar como erradas formas que são características de determinadas situações comunicativas e, por conseguinte, de determinados gêneros textuais. Desse modo, esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para educadores, discentes e quaisquer outras pessoas que se interessam pelo tema em debate.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARBOSA, Juliana Bertucci. Meu aluno escreve “peixe”! Contribuições da Fonologia para entender desvios da escrita. *In*: ABREU, Antônio Suárez; SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina (org.). **Ensino de português e linguística: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 33-48.
- BORTONE, Marcia Elizabeth; ALVES, Scheyla Brito. O fenômeno da hipercorreção. *In*: BORTONI-RICARDO, Stella Maris *et al.* (org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014. p. 129-159.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola: 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. *In*: GÖRSKY, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (org.). **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: EDUFSC, 2006. p. 267-276.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda Z. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FONSECA, Regina Célia Veiga da. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.
- FREITAG, Raquel M. K.; FONSECA E SILVA, Marineide. Uma análise sociolinguística da linguagem utilizada na *internet*: implicações para o ensino de língua portuguesa. **Intercâmbio**. v. 15, São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3689>. Acesso em: 11 out. 2023.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. Considerações o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/10.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCUSCHI, Luiz A. Oralidade e escrita. **Signótica**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 119–146, 1997. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7396>. Acesso em: 21 out. 2023.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2010.

MEIRELES, Arielle da Silva. **Reflexões sobre erros ortográficos e o internetês em comentários da rede social Instagram**. Orientadora: Cristina dos Santos Carvalho. 2023. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa, Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2023.

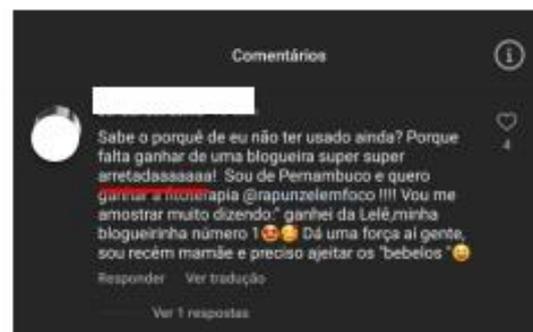
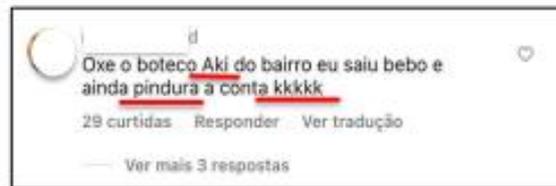
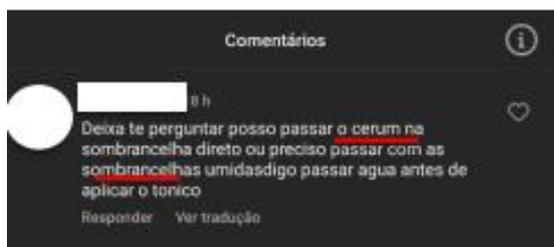
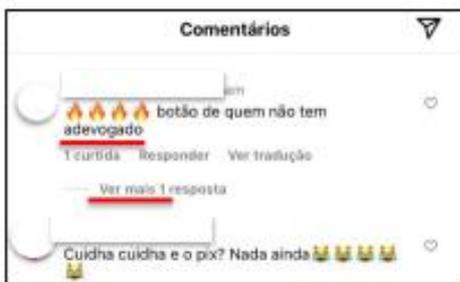
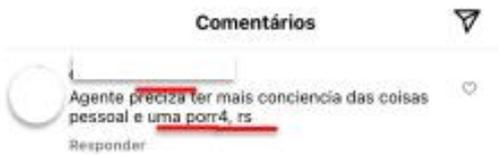
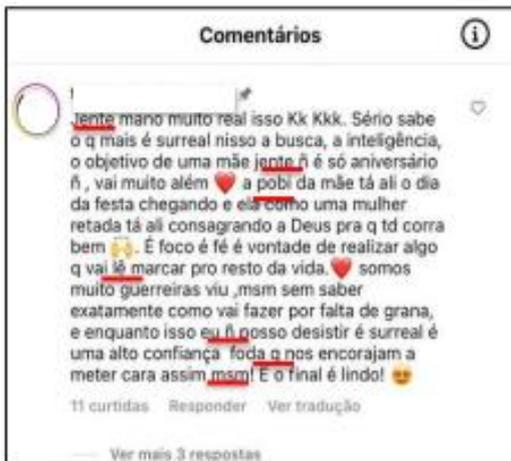
MEIRELES, Arielle da Silva *et al.* (2018). **A interferência da fala a escrita: uma análise de textos dos gêneros publicitários e virtuais**. [S.L.: s.n.]

ROBERTO, Mikaela. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo: Parábola, 2016.

SEABRA, Bianca. Descubra quem criou o *Instagram* e como o app se tornou um sucesso. **Tecmundo**, 11 ago. 2023. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/266529-descubra-criou-instagram-o-app-tornou-sucesso.htm>). Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos da Pesquisa**. Porto Alegre: EDUEFRGS, 2009. p. 31-42.

SIMÃO, Julliana Raquel da Silva. **Gêneros digitais nas aulas de Língua Portuguesa: um estudo sobre a BNCC**. 2022. 11 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/4193> Acesso em: 11 out. 2023.



Submetido em: 18/04/2024

Aprovado em: 27/06/2024